

*O falante, o linguista e uma antropologia na linguagem: uma homenagem ao Professor Valdir do Nascimento Flores*

## Sobre as línguas e o falante: Benveniste desde a perspectiva de esforços decoloniais

On languages and the speaker: Benveniste from the perspective of decolonial efforts

**Gabriela Barboza**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Larissa Colombo Freisleben**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Alessandra Nicolini**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Resumo:** Neste artigo, ensejamos uma leitura de aspectos da teoria da linguagem de Émile Benveniste pela perspectiva dos estudos decoloniais. Inicialmente, apresentamos o recurso de Mignolo (2021) ao aparelho formal da enunciação em sua crítica à *epistemologia do ponto zero*. Em seguida, apresentamos “A frase nominal” (1950) e “Ser e ter em suas funções linguísticas” (1960). Nesses artigos, interpretamos como *esforços decoloniais* (Andreotti et al., 2015) o destaque dado por Benveniste à diversidade das línguas, que servem como interrogantes sobre universais e particulares linguísticos, e a condição de falante do linguista, já apontada na antropologia da enunciação de Flores (2015, 2019).

**Palavras-chave:** Teoria da linguagem de Émile Benveniste; Esforços decoloniais; Universais e particulares linguísticos; Falante; Antropologia da enunciação

**Abstract:** In this article, we aim to examine aspects of Émile Benveniste’s language theory from the perspective of decolonial studies. Firstly, we present Mignolo’s (2021) use of the formal apparatus of enunciation in his critique of *zero point epistemology*. Secondly, we present “The Nominal Sentence” (1950) and “The Linguistics Functions of ‘To Be’ and ‘To Have’” (1960). In these articles, we interpret as *decolonial efforts* (Andreotti et al., 2015) the emphasis given by Benveniste to the diversity of languages, which are used to question as linguistic universals and particulars, and the condition of the linguist as a speaker, as pointed out in the anthropology of enunciation by Flores (2015, 2019).

**Keywords:** Émile Benveniste’s language theory; Decolonial efforts; Linguistics universals and particulars; Speaker; Anthropology of enunciation

## Introdução

A linguista Claudine Normand (1934-2011), em seu célebre texto “Saussure-Benveniste”, após elencar as possibilidades geralmente aventadas para estabelecer relação entre os dois autores, aborda o diálogo entre eles a partir de uma chave de leitura que lhe é própria: a perspectiva de *encontros*. Para a autora, “Benveniste encontrou Saussure naquilo que pôde conhecer de seus escritos [...]”, e “ambos se impuseram e se impõem ainda hoje para quem se interessa por linguagem” (Normand, 2009, p. 198). Normand avalia que Saussure e Benveniste mais do que revelar, “lev[aram] os outros a pressentir que algo essencial estava em jogo ali, naquilo que continua sem ser consensualmente nomeado [...]. Eles nos despertaram do sono dogmático, levantando questões que não estão encerradas” (Normand, 2009, p. 198).

Na esteira do que propõe a linguista a respeito de Saussure e Benveniste, avaliamos que este texto, cujo objetivo é demonstrar que há aspectos da decolonialidade que podem ser lidos em algumas produções de Benveniste, só pôde ser concebido nestes termos em função de nosso *encontro* com o professor Valdir do Nascimento Flores: seus textos, suas aulas, suas orientações, seus seminários. Independentemente da via pela qual encontremos Valdir, há sempre, nesse encontro, uma espécie de fascínio pela generosidade intelectual com que interage com seus orientados e pela postura de permanente abertura ao diálogo com outros campos, outros modos de pensar a língua; e, portanto, de pensar o humano.

Ao encontrar Valdir, encontramos — além de Saussure, Benveniste e outros linguistas consagrados —, também, Jacques Lacan, Paul Ricoeur, Wilhelm von Humboldt, Giorgio Agamben, Claude Lévi-Strauss, Eduardo Viveiros de Castro, para citar apenas alguns estudiosos. Seu profundo interesse pelo que outros campos além da linguística produzem a respeito do humano nos aponta direções possíveis de seguir, muitas delas com trajetória ainda por ser feita. Suas contribuições teóricas, que atendem, de certo modo, a questões do tempo de agora, fazem avançar a linguística e delineiam, de fato, aquilo que ele chama, juntamente com Normand (2006, p. 239), de “*une linguistique douce*”, que se constitui como “uma prática *inofensiva sem que seja inteiramente ineficaz*” (Flores, 2019, p. 36, *itálicos do autor*). Sua antropologia da enunciação coloca no centro da discussão em linguística o falante, o *Homo loquens*, visando “[...] um saber sobre o homem que advém da sua capacidade de enunciar” (Flores, 2019, p. 246).

Inspirada, portanto, em uma postura que é própria de Valdir, de constante abertura ao diálogo e de uma prática linguística que está atenta às questões importantes para o mundo de agora, lançamo-nos a tarefa de colocar em perspectiva aspectos dos estudos decoloniais (Mignolo, 2010, 2017) e da teoria da linguagem de Émile Benveniste. Ainda que a proposta pareça ousada (alguns diriam insequente), é possível alegar — e buscaremos demonstrá-lo ao longo da discussão — que há elementos no fazer linguístico de Benveniste que estariam alinhados àquilo que Walter Mignolo (2021) chama de opção decolonial.

Walter Mignolo, um dos pesquisadores mais representativos dos estudos decoloniais, já desempenhava importante papel em nossas discussões e publicação anterior sobre Benveniste e

os estudos decoloniais (Barboza; Nicolini; Freisleben, 2023). Intuíamos que havia laços possíveis de serem estabelecidos entre os estudos decoloniais e o linguista sírio-francês<sup>1</sup>, percepção que se fortaleceu quando tomamos conhecimento do artigo “Desobediência epistêmica, pensamento independente e liberdade decolonial”<sup>2</sup>, no qual o semiólogo argentino busca analisar a produção de conhecimento e as diferenças dos poderes global e local a partir de um deslocamento da noção de aparelho formal da enunciação, conceito reconhecidamente benvenistiano. O que chama a atenção, nesse texto, é que Mignolo estrutura parte de sua argumentação sobre matriz colonial e caminhos decoloniais em torno de um conceito linguístico.

Concordamos com Normand (2011) a respeito do fato de que cada época faz suas leituras dos autores, clássicos ou contemporâneos, por isso entendemos que a interpretação feita por Mignolo é fruto de seu tempo, mas também de seu contato com os estudos linguísticos. Dito isso, vislumbramos, nos escritos de Benveniste, além do aparelho formal da enunciação, outros elementos que podem ser ligados a um gérmen do pensamento decolonial.

Mobilizamos, neste trabalho, dois aspectos da teorização de Benveniste que nos permitem vislumbrar atitudes que poderiam ser reconhecidas, atualmente, como decoloniais: o lugar das línguas no questionamento do universal linguístico e a compreensão do linguista como falante. A primeira seção está dedicada a tratar da leitura empreendida por Mignolo sobre alguns conceitos da teoria benvenistiana. Na segunda seção, destacamos esses outros aspectos da teoria benvenistiana da linguagem que ensejam *esforços decoloniais*.

## Mignolo, decolonialidade e sua leitura de Benveniste

O semiólogo Walter Mignolo é uma das figuras mais consagradas nos estudos decoloniais, sobretudo quando se trata de (re)pensar América Latina. Nascido na Argentina em 1941, licenciou-se em literatura moderna, com ênfase em literatura latino-americana e argentina, pela Universidade de Córdoba em 1968. Entre 1969 e 1973, desenvolveu seu doutorado em semiótica e teoria literária na *École des Hautes Etudes en Sciences Sociales*, sob orientação de Roland Barthes (1915-1980) e Gérard Genette (1930-2018), com tese intitulada “Modèles et Poétique”. Já no início de sua trajetória acadêmica, atuou em universidades argentinas, francesas e norte-americanas. Em 1984, naturalizou-se estadunidense e, desde meados da década de 1990, integra o corpo docente da *Duke University*, nos Estados Unidos, onde dirige o Centro de Estudos Globais e Humanidades desde 2000.

Nesse polo de pesquisa, Mignolo vem suscitando questões e teorizando sobre uma complexa rede de relações de poder, a qual identifica pela tríade *modernidade/colonialidade/decolonialidade* (Mignolo, 2017). Nesse escopo, a decolonialidade constitui-se como uma reflexão crítica em

<sup>1</sup> Ainda que se saiba da origem síria de Benveniste e de sua naturalização francesa, o tema de sua nacionalidade suscita discussões na esfera acadêmica dentro e fora do Brasil. Entre dizê-lo francês ou sírio-francês, optamos pela segunda denominação como uma forma de demarcar sua origem, pois, em uma reflexão que dialoga com os estudos decoloniais, conforme será apontado ao longo da discussão, reconhecemos que as histórias e as trajetórias de quem produz o conhecimento importam tanto quanto aquilo que é produzido, quanto na própria possibilidade e impossibilidade de conhecer (Restrepo, 2021).

<sup>2</sup> Originalmente publicado como “Epistemic Disobedience, Independent Thought and De-Colonial Freedom” na revista *Theory, Culture and Society* em 2009.

resposta à retórica que naturaliza a modernidade como um processo supostamente universal e global — pelo qual todas as civilizações passariam à medida em que a história da humanidade avança — que se funda sobre a lógica da colonialidade para justificar uma série de violências de ordem política, econômica, social e, também, epistemológica (Mignolo, 2010, 2017). Para o autor, “o pensamento decolonial pressupõe a ruptura ou desvinculação ‘epistêmica e política’ da teia do conhecimento imperial da gestão disciplinar” (Mignolo, 2021, p. 49). Trata-se, para Mignolo (2017), de uma via possível entre tantas outras para se pensar criticamente, entre outras questões, a relação entre o humano e a construção do conhecimento, sem, com isso, propor-se a superar ou suprimir outras formas de pensar.

Nesse sentido, a decolonialidade não se oferece como uma teoria ou como um manifesto, senão como uma articulação teórica de pensadores do “Terceiro Mundo” — com destaque para a produção latino-americana — que se propõem a descolonizar, também, o conhecimento e o ser (Mignolo, 2010). Desse modo, Mignolo (2021, p. 28) assinala que “a tarefa do pensamento decolonial é revelar os silêncios epistêmicos da epistemologia ocidental e afirmar os direitos epistêmicos dos racialmente desvalorizados [...]”. Para cumpri-la, há desafios decoloniais contemporâneos (Mignolo, 2017) que se nos apresentam: a necessidade de transformar os termos da conversa, pensar habitando a fronteira moderna/colonial, ser epistemicamente desobediente, reconhecer que categorias universais de pensamento são regionais — e, frequentemente, eurocentradas — e não dissociar sujeito de objeto<sup>3</sup>.

Reconstruir, ainda que parcialmente, a trajetória de Mignolo em uma breve biografia, como a que apresentamos acima, evidencia dois pontos a serem notados em nossa reflexão: por um lado, não se trata de um linguista — ainda que seu campo de formação integre aquilo que chamamos de grande área de Letras —, de modo que suas considerações sobre a linguagem, quando comparecem, resultam de interrogantes externos ao campo; por outro lado, embora não seja linguista, o autor foi orientado por dois teóricos que leram Benveniste — Gérard Genette e Roland Barthes, conforme apontamos anteriormente — e, no caso do segundo, a obra do mestre sírio-francês foi essencial. Isso parece justificar a relativa ausência de referências explícitas a outros linguistas no pensamento de Mignolo e a curiosa presença de Benveniste no já mencionado artigo “Desobediência epistêmica, pensamento independente e liberdade decolonial” (Mignolo, 2021), assim como em “Semiosis y universos de sentido”<sup>4</sup>, que integra *De la hermenéutica y la semiosis colonial al pensar decolonial* (Mignolo, 2013), e em *Looking for the Meaning of ‘Decolonial Gesture’* (Mignolo, s/d).

Em “Semiosis y universos de sentido”, o autor propõe a incorporação da dimensão cognoscitiva na organização dos discursos e dos objetos semióticos em geral, organizados em classes. Nele, Mignolo (2013) refere “O aparelho formal da enunciação” (1970) e “Semiologia da língua” (1969) para argumentar acerca da atualização dos signos linguísticos (língua-sistema) em palavras (língua-discurso) via enunciação e, também, para mobilizar a noção de engendramento subsistente às relações entre sistemas semióticos. A esse respeito, importa ressaltar que, nessa reflexão de 1983, Mignolo mobiliza os escritos benvenistianos em uma argumentação inserida no seio da semiótica

<sup>3</sup> Para um maior aprofundamento nos desafios decoloniais hoje em diálogo com os estudos da linguagem, ver Barboza, Nicolini e Freisleben (2023).

<sup>4</sup> Publicado originalmente em *Lexis: Revista de lingüística y literatura* em 1983.

em diálogo com a linguística. Décadas mais tarde, no artigo originalmente publicado em 2009, com temática bastante diferente da do artigo de 1983, o recurso a Benveniste vai em outro sentido.

Em seus estudos decoloniais, Mignolo tem apontado para os efeitos do colonialismo sobre a episteme ocidental, o qual atinge sua expressão máxima no racismo, responsável por uma certa classificação de pessoas e configuração de regiões (Mignolo, 2021). Em “Desobediência epistêmica, pensamento independente e liberdade decolonial”, Mignolo (2021) opõe-se à *epistemologia do ponto zero*, que tem como figura central o cientista ou pensador supostamente neutro, “[...] etéreo, separado do assunto que conhece e intocado pela configuração geopolítica [...]” (Mignolo, 2021, p. 25). Esse sujeito conhecedor “neutro” é, frequentemente, um homem branco europeu ou norte-americano que gera um conhecimento entendido como ciência e goza do privilégio de validar os demais saberes, em uma teia centrada na Europa e nos Estados Unidos.

Para o semiólogo argentino, a geopolítica do conhecimento entrelaça-se à geopolítica do saber. Dito de outro modo, alguns conhecimentos são legitimados em detrimento de outros: o que determina seu valor não é o conteúdo produzido, mas, sim, onde e por quem eles foram produzidos. Com base nessa constatação, Mignolo defende que se considerem como fundamentais as seguintes questões a respeito de toda e qualquer produção de conhecimento: quem, quando, por que e onde ela é gerada. Fazer essas perguntas, para o pesquisador, “significa desviar a atenção do que é enunciado para a enunciação” (Mignolo, 2021, p. 26). É nesse ponto que sua argumentação comparece como um alicerce o para o aparelho formal da enunciação de Benveniste.

Mignolo (2021, p. 31) afirma: “o fundamento linguístico e institucional, a gestão e as práticas que a produção de conhecimento traz permitem-me alargar o aparato formal da enunciação de Benveniste e elaborar sobre a enunciação e a produção de conhecimento [...]”. A relação estabelecida por Mignolo entre a enunciação benvenistiana e a produção de conhecimento pode ser entendida como o deslocamento de uma formulação teórica linguística para uma reflexão sobre epistemologia e hermenêutica. Em outras palavras, no artigo em questão, Mignolo ancora em uma noção linguística — o aparelho formal da enunciação de Benveniste — sua reflexão sobre como o conhecimento é gerado.

Cabe mencionar que Benveniste não é o único pesquisador convocado construir a formulação de Mignolo: para o argentino, Franz Fanon foi capaz de captar algo que, segundo o semiólogo, nem Benveniste nem outros autores conseguiram: falar um idioma significa assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização (Mignolo, 2021). Apesar de a crítica de Mignolo a uma parte da proposta de Benveniste ser questionável, na medida em que há inúmeros estudos que tratam das relações entre língua, cultura e sociedade na obra do linguista, não nos deteremos nos pormenores dessa discussão. O que importa, aqui, é chamar atenção para o fato de que um pesquisador que trata da decolonialidade, temática absolutamente relevante para dar conta das questões do tempo vivido, recorre para tanto a uma formulação de um linguista, mas não de qualquer linguista: quando precisa se valer de um exterior teórico a seu campo, é Benveniste que Mignolo convoca para compor o corpo daquilo que chama *opção decolonial*<sup>5</sup>: “[...] o aparato formal da enunciação é

<sup>5</sup> Cabe ressaltar que há conceitos de Benveniste que são mobilizados em outros trabalhos, tais como o de interpretância da língua, mas que não serão analisados aqui, dados o objetivo deste trabalho e as limitações de sua extensão. Cf. Mignolo (s/d).

o aparato básico para o engajamento na produção de conhecimento geopoliticamente orientado, institucional e com propósitos claros” (Mignolo, 2021, p. 47).

O fato de que uma das maiores referências nos estudos decoloniais vale-se de uma das mais consagradas noções da teoria da linguagem de Benveniste — o aparelho formal da enunciação — para avançar sua prática de descolonização da episteme ocidental, reconhecendo, na formulação do linguista, uma interlocução possível, deve, no mínimo, chamar a atenção dos linguistas. De nossa parte, acreditamos que há pistas que permitem uma leitura de *esforços decoloniais* também em outros pontos da teorização benvenistiana, para além do aparelho formal da enunciação as quais serão discutidas a seguir.

## **“Isso é raciocinar ao inverso”: pistas para uma leitura de esforços decoloniais na teorização de Benveniste**

Além das questões destacadas da leitura de Mignolo, as quais procuramos evidenciar na seção anterior, consideramos que há outros elementos da obra de Benveniste que permitem uma aproximação com os estudos decoloniais. Seleccionamos dois deles para abordar neste artigo: o lugar das línguas no questionamento dos universais linguísticos e o destaque dado à condição de falante do linguista.

Para traçar o caminho que nos permite ver, a partir do trabalho com a diversidade das línguas e do destaque da condição do linguista como falante, aspectos da decolonialidade nos textos de Benveniste, valemo-nos do conceito de *esforços decoloniais*, tal como proposto por Andreotti *et al.* (2015). Essa noção, utilizada pelos autores inicialmente para se referir a contextos escolares, diz respeito à apresentação de outras posturas diante da produção do conhecimento, diferente das hegemônicas. Trata-se de um esforço de descentralização do saber, da possibilidade de outras existências, outros conhecimentos e outras formas de produzi-los. Dito de outro modo, entendemos como *esforço decolonial* toda prática contra-hegemônica em relação ao contexto colonialista, no qual todos estamos inseridos. Assim, nosso intuito é demonstrar como é possível que certas posturas na produção de Benveniste, ainda que inseridas em um contexto de colonialidade, sejam lidas, no tempo presente, como *esforços decoloniais*.

Uma particularidade da obra de Benveniste que já foi destacada por diversos autores é o seu estilo de pensamento por *problemas*. Dessons (2006, p. 10) afirma: “Em Benveniste, a arte de pensar é, em primeiro lugar, a arte do problema”; Chiss e Puech (*apud* ONO, 2007, p. 16) ponderam que “se existem estilos de pensamentos, e se existe um estilo de pensamento benvenistiano, este é, com certeza, o da “problematização”. Chloé Laplantine (2013, s/n) observa que o pensamento por meio de problemas dá coerência e força à obra.

Tal estilo de pensamento não é banal: Dessons (2006, p. 11) observa que “o *problema* é um modo de pensar, uma atitude heurística. [...] A faculdade do problema enquanto modo

de pensar é dupla”: de um lado, converte o complicado em complexo; de outro, a dimensão crítica do pensamento se desenvolve na medida em que denuncia, em todas as questões da linguagem, confusões e falsos problemas. Esse modo de pensar está ligado, a nosso ver, ao que Restrepo (2021, p. 167) chama de *pensamento próprio*: trata-se de “um pensar orientado por problematizações, estilos e ritmos de pensamento” que está situado, relacionado a um lugar, a um tempo e a dados sujeitos, com base em um objetivo. É essa postura de pensamento, que poderíamos chamar de postura ética, o que permite propor uma leitura decolonial de aspectos dos escritos de Benveniste.

Para ilustrar como essa postura diante do fazer linguístico, que optamos por nomear como *esforço decolonial*, comparece ao longo da reflexão benvenistiana, apresentamos, como exemplo, dois artigos: “A frase nominal”, de 1950, e “Ser e ter em suas funções linguísticas”, de 1960. Ambos os textos foram publicados no *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, organização da qual Benveniste fez parte até o fim de sua vida.

Antes de prosseguirmos à apresentação dos artigos e de suas temáticas, é importante reiterar que nosso objetivo, aqui, não é o de estabelecer uma leitura exaustiva desses textos, mas, sim, o de apontar aspectos desses trabalhos que ilustram um traço da reflexão de Benveniste que aparece em outros estudos do linguista e que, conforme temos defendido, constituem uma — mas não a única — pista para o empreendimento de uma leitura decolonial.

Iniciemos por “A frase nominal”. Esse artigo — publicado originalmente em 1947 e republicado em Problemas de Linguística Geral I —, como o título indica, trata da frase nominal, que se encontra em certas línguas e que é caracterizada como um “predicado nominal sem verbo nem cópula” (Benveniste, 2005, p. 163). No contexto dessa reflexão, o linguista aborda a distinção entre *verbo* e *nome*. Tradicionalmente, entende-se que verbos indicam um processo e implicam tempo, enquanto nomes indicam um objeto e não implicam tempo (Benveniste, 2005, p. 164). No entanto, Benveniste critica essa distinção, afirmando serem inaceitáveis para um linguista. Por que essas distinções são inaceitáveis? Porque uma diferenciação entre verbo e nome que se baseia na oposição entre processos e objetos só se sustenta se encontrar ancoragem nas línguas. O linguista avalia que:

[u]ma oposição entre “processo” e “objeto” não pode ter em linguística nem validade universal, nem critério constante, nem mesmo sentido claro. A razão está em que noções como processo ou objeto não reproduzem os caracteres objetivos da realidade mas resultam de uma expressão já lingüística da realidade, e essa expressão só pode ser particular. Não são propriedades intrínsecas da natureza que a linguagem registraria, são categorias formadas em certas línguas e que foram projetadas sobre a natureza. (Benveniste, 2005, p. 164).

Para ilustrar seu argumento, Benveniste traz dados das línguas hupa, zuñi, siuslaw, hopi e tübatulabal<sup>6</sup>. Em hupa, formas verbais são utilizadas como nomes, conforme os exemplos no quadro 1.

<sup>6</sup> Trata-se de cinco línguas indígenas de povos que habitam o território atualmente conhecido como Estados Unidos. O hupa e o tübatulabal estão geograficamente localizados em parte da Califórnia; o zuñi, no leste do Arizona; e o siuslaw, no Oregon. Todas se encontram listadas no *Atlas of the world's languages in danger* (UNESCO, 2010) como línguas em vias de desaparecer.

Quadro 1 – Expressões em hupa

Expressão em hupa (“nomes”)	Tradução literal	Significado
<i>nañya</i>	“ela desce”	<i>chuva</i>
<i>nilliñ</i>	“ele escorre”	<i>riacho</i>
<i>naxōwilloi</i>	“está atado ao redor dele”	<i>cinto</i>

Fonte: elaborado pelas autoras a partir de Benveniste (2005, p. 165)

Os exemplos apresentados por Benveniste contrariam, em alguma medida, as definições tradicionais de *nome* e *verbo*: em hupa, conforme observamos no Quadro 1, formas verbais são utilizadas para designar objetos; em zuñi, atesta-se algo semelhante ao que se verifica em hupa: o nome para sol é uma forma verbal que pode ser traduzida como “atravessar”. Assim, do verbo *yāto-* forma-se *yātokä*, “sol”. Já em siuslaw, o linguista aponta que certas partículas — que, em português, chamamos de adverbiais — como *wahá* e *yāxa*, respectivamente, “de novo” e “muito”, são conjugadas verbalmente. Segundo Benveniste, uma grande quantidade de línguas ameríndias apresenta características semelhantes à da língua siuslaw - conjugação de adjetivos, interrogativos e numerais -, o que dificulta ainda mais a caracterização tradicional de verbos e nomes, pois, se se considerasse que um dos critérios de caracterização da categoria *verbo* fosse a possibilidade de conjugação, este seria um elemento de instabilidade.

Benveniste também cita a língua hopi, cujos verbos não implicam tempo, apenas modos aspectuais, e a língua tübatulabal, em que o nome expressa tempo: por exemplo, *hani-l* pode ser traduzido como “a casa”, enquanto *hani-pi-l* refere-se a “a casa no passado”. Esses exemplos servem para ilustrar a crítica de Benveniste:

A distinção entre processo e objeto só se impõe àquele que raciocina a partir das classificações da sua língua nativa, que ele transforma em dados universais; e inclusive esse, interrogado sobre o fundamento dessa distinção, virá logo a reconhecer que, se “cavalo” é um objeto e “correr” um processo, é porque um é um nome, o outro, um verbo. Uma definição que procure uma justificativa “natural” para a maneira pela qual um idioma particular organiza as suas noções, é condenada a girar em círculo. Aliás, é suficiente aplicá-la a idiomas de um tipo diferente para ver que a relação entre objeto e processo pode inverter-se e mesmo abolir-se, permanecendo as mesmas relações gramaticais (Benveniste, 2005, p. 164-165).

No segundo texto objeto de nosso estudo, “Ser e ter em suas funções linguísticas”, Benveniste inicia sua argumentação chamando atenção para a dificuldade de se propor uma definição adequada da natureza e das funções do verbo “ser” (Benveniste, 2005, p. 204). Para apontar essas dificuldades, o linguista faz uma série de questionamentos, os quais consideramos pertinente apresentar na íntegra:

Em primeiro lugar, “ser” é um verbo? Se é, por que falta tão freqüentemente? E se não é verbo, de onde vem o fato de que lhe assume o status e as formas, mesmo permanecendo aquilo a que se chama um “verbo-substantivo”? O fato de que exista uma “frase nominal”, caracterizada pela ausência do verbo, e de que seja um fenômeno universal parece contraditório com o fato, também muito geral, de que tenha por equivalente uma frase de verbo “ser”. (Benveniste, 2005, p. 204).

O linguista observa que há um raciocínio implícito que subjaz a essas perguntas: trata-se da percepção de que o verbo *ser* aparece lógica e cronologicamente após um estado linguístico desprovido desse verbo. No entanto, Benveniste observa que o questionamento sobre a suposta “falta” do verbo *ser* em diversas línguas surge do que ele considera “[...] raciocinar ao inverso” (Benveniste, 2005, p. 206). Para o linguista, o questionamento correto seria perguntar-se “como é que existe um verbo ‘ser’ dando expressão verbal e consistência lexical a uma relação lógica com enunciado assertivo.” (Benveniste, 1995, p. 206). E acrescenta: “Na realidade, as nossas línguas familiares nos iludem quanto a isso.[...]” (Benveniste, 2005, p. 206). Em outros termos, Benveniste considera um erro partir de línguas nas quais esse verbo está presente para universalizar um dado que é de línguas particulares nas quais o verbo *ser* conjuga duas funções: de cópula (noção gramatical) e de expressar a noção de *ter existência* (noção lexical).

A partir da problematização da universalização de uma questão que é particular a uma dada língua (ou a um dado número de línguas), o linguista sírio-francês apresenta uma série de exemplos — alguns dos quais sintetizados no quadro a seguir — de dados de línguas que utilizam diferentes recursos linguísticos para exprimir a noção de cópula, diferentemente do que acontece em francês e em outras línguas em que a distinção entre a função de cópula e de existência foi abolida (Benveniste, 2005, p. 211).

Quadro 2 – Exemplos das expressões de noção de cópula

Expressão da noção de cópula	Línguas	Exemplos
Termos nominais justapostos com uma pausa entre eles	aramaico	<i>'arḥateh dīn</i> - “os seus caminhos (são) a justiça”
	árabe	<i>'abuhu musinun</i> - “seu pai é idoso”
Valorização sintática do pronome <i>ol</i> (ele) posposto em função de cópula	turco antigo	<i>mājin ol</i> - “ele é meu (de mim ele)”
	turco khwarezmiano	<i>bu 'ālam kitab ol</i> - “esse mundo é um livro”
	altaico	<i>ol bay ol</i> - “ele é rico (ele rico ele)”
Situação do “ser” é enunciada pelo pronome <i>'γw</i> (ele, o) em fim de frase	sogdiano	<i>'γwyz nyγ 'γw</i> - “(a lei) é extremamente profunda”
Uso de uma forma verbal diferente da que expressa existência	chuchítico	<i>nesām̄ ytārye tne saṃsārmeṃ... läk̄lentameṃ tsālpātsis'</i> - há (nesām̄) um caminho (ytārye) aqui para ser libertado (tsālpātsis') do saṃsāra e dos sofrimentos

Fonte: elaborado pelas autoras a partir de Benveniste (2005, p. 206-2011).

Nos dois textos selecionados, “A frase nominal” e “Ser e ter em suas funções linguísticas”, observamos questionamentos que podem ser lidos como *esforços decoloniais*. Ao nosso ver, tal leitura se justifica por dois aspectos, conforme já explicitamos anteriormente: o papel das línguas em sua teorização e o destaque dado à condição de falante do linguista. É a isso que nos dedicamos nas próximas seções.

## O papel da diversidade linguística na teorização de Benveniste

Uma vez que o fato de que Benveniste se valha do recurso da diversidade das línguas em sua teoria não é suficiente para sustentar o argumento de que esse se trata de um *esforço decolonial*, julgamos pertinente estabelecer um debate em torno do papel que essa diversidade cumpre em suas reflexões. Entendemos que é a partir do *como* que se pode explicar a atribuição dessa postura como relacionada aos estudos decoloniais.

Sara Luiza Hoff (2023), em sua tese de doutorado, demonstra que as línguas cumprem, pelo menos, dois papéis na teoria da linguagem de Benveniste. Para a linguista, as línguas atuam, de um lado, como “operador da teorização de Benveniste”, o que significa que se transformam “em um mecanismo que permite a tomada de decisões”; de outro, elas também são “o locus primordial e constante da teorização, sendo imprescindíveis para o estabelecimento de todo e qualquer saber sobre a linguagem” (Hoff, 2023, p. 200). Alinhamos nosso ponto de vista ao da autora por considerarmos que as línguas (470, conforme o levantamento de Hoff) às quais o linguista faz recurso em seus escritos cumprem um papel crucial em suas reflexões, porque servem como interrogantes, entre outras questões, para as categorias linguísticas.

No caso dos textos selecionados para este trabalho, Benveniste aponta as insuficiências das definições das categorias “verbo” e “nome” em “A frase nominal” e observa a inadequação dos questionamentos em torno do verbo “ser” com valor de cópula e de existência em “Ser e ter em suas funções linguísticas”. Em ambos os artigos, o linguista aponta os problemas que surgem da generalização de dados de línguas particulares para explicar a totalidade das línguas.

Para apresentar sua solução ao problema estabelecido em relação às categorias de descrição das línguas, Benveniste se vale de exemplos de múltiplas línguas (31 em “A frase nominal”, 54 em “Ser e ter em suas funções linguísticas”) (Hoff, 2023, p. 249-250), de famílias e ramos distintos. Gostaríamos de chamar atenção, aqui, para o fato de que haveria outros procedimentos possíveis: por exemplo, assumindo que as línguas mencionadas são exceções à norma encontrada nas línguas europeias, a qual fundamenta as categorias linguísticas mencionadas. Benveniste não procede dessa forma, dando igual ou similar status a todas as manifestações linguísticas e questionando o próprio saber construído a partir da universalização de dados de línguas indo-europeias. O que ocorre, então, é, mais do que uma crítica, a implementação de uma espécie de rompimento com a prática — bastante comum entre os linguistas da época — de universalizar questões que só podem ser particulares em relação às línguas.

Esse *esforço decolonial*, representado, aqui, pelo procedimento de descentralização da Europa como única fonte de produção de conhecimento, como o “ponto zero” da episteme, é encontrado também em outros textos de Benveniste. O linguista mesmo, no texto “Tendências recentes em linguística geral”, afirma que “não se cede mais tão facilmente como antes à tentação de erigir como propriedades universais da linguagem as particularidades de uma língua ou de um tipo linguístico” (Benveniste, 2005, p. 6). Ele avalia que houve uma ampliação da perspectiva dos linguistas. Com isso, “todos os tipos de línguas adquirem direitos iguais de representar a linguagem” (Benveniste, 2005, p. 6).

Um dos motivos dessa mudança de postura de Benveniste ao não universalizar as categorias e as análises se dá pelo seu contato com línguas que escapam às classificações estabelecidas com base nas línguas indo-europeias. Isso ocorre, principalmente, a partir de seu contato com povos e línguas ameríndias da América do Norte e com os textos de Boas e Sapir. A descoberta dessas línguas — de sua estrutura, seu funcionamento, suas significações — colocou na ordem do dia “problemas que os métodos tradicionais não podiam resolver”. Com a impossibilidade de descrição e análise a partir das ferramentas já existentes, foi necessária “uma renovação dos processos de descrição que, em consequência, se estendeu às línguas que se acreditavam descritas de uma vez por todas e que adquiriram uma feição nova” (Benveniste, 2005, p. 6).

Na entrevista “Esta linguagem que faz a história”, Benveniste reitera a importância das línguas ameríndias para sua pesquisa, ao desfazer a ideia de que haja uma língua que possa ser considerada primitiva:

Por volta de 1900, certas pessoas, e muito particularmente os americanos, disseram: “Suas concepções são irreais ou, em todo caso, muito parciais, vocês não se dão conta senão de uma parte do mundo lingüístico: o mundo indo-europeu. Há uma multidão de línguas que escapam a suas categorias.” Esta advertência foi muito útil e estas línguas, notadamente as línguas indígenas da América que tenho pessoalmente estudado, são muito instrutivas porque elas nos fazem conhecer tipos de categorização semântica e de estrutura morfológica nitidamente diferentes daquelas que os lingüistas formados na tradição clássica consideravam como inerentes ao espírito humano (Benveniste, 2005, p. 34-35).

O papel das línguas ameríndias como transformadoras da postura de pesquisa de Benveniste é debatido por seus leitores. Laplantine avalia que, nas pesquisas de Franz Boas, Benveniste via um trabalho capaz de despertar os linguistas para “a necessidade de um descentramento que passa pela tomada de consciência de seu próprio olhar, a fim de evitar o máximo possível a projeção de categorias que obscurecem a análise [...]” (Laplantine, 2020, p. 3, tradução nossa).

Ainda que seja possível aproximar as pesquisas de campo com línguas indígenas feito por Benveniste na América do Norte e pelos pesquisadores norte-americanos, a linguista francesa pondera que a proximidade das pesquisas é somente aparente: diferentemente das pesquisas feitas por Boas e Sapir, Benveniste está mais preocupado com *como* a língua significa e simboliza (*a significação*) do que o que ela significa e descreve (*a designação*). Sua principal preocupação está em verificar as “soluções particulares encontradas pelas línguas, por seus locutores, para

representar uma experiência original do mundo” (Laplantine, 2022, p. 16). A autora afirma ainda que, contrariamente à prática de sua época, que consistia majoritariamente em fixar modelos de análise anteriores aos fatos de linguagem, Benveniste abria espaço ao desconhecido e se deixava interrogar por ele. Nesse sentido, é possível afirmar que o linguista sírio-francês produzia um conhecimento situado sobre a linguagem, contextual e historicamente produzido (Restrepo, 2021). Situar a produção do conhecimento é uma atitude reconhecidamente decolonial. Isso não significa, é preciso dizer, que os dados encontrados na singularidade das línguas não contribuam para uma reflexão generalista sobre a linguagem; antes o contrário: os achados nas línguas fora do parâmetro das indo-europeias contribuem fortemente na produção benvenistiana de um conhecimento sobre a linguagem.

Todorov (2014, p. 254) destaca, ainda, um outro aspecto relevante do trabalho de Benveniste com línguas indígenas:

A comparação radical, ou confrontação, a que ele se entrega agora é totalmente diferente: o que é esclarecedor, nesse caso, é a diferença entre a língua que se estuda e sua própria língua. Ele procede, assim, como um etnólogo que tem por ambição a descrição de uma sociedade estrangeira, visto que o contraste entre o distante e o familiar lhe permite ver melhor os outros e, ao mesmo tempo, descobrir-se a si mesmo. (Todorov, 2014, p. 254).

Essa observação sobre a relação entre as (des)semelhanças entre as línguas e sua própria língua nos leva a outro aspecto do trabalho de Benveniste que julgamos que pode ser lido como um *esforço decolonial*: trata-se do lugar que o sírio-francês confere, em suas reflexões, à percepção de que o linguista jamais deixa sua condição de falante, a qual analisaremos no próximo item.

## **“As nossas línguas familiares nos iludem”: o linguista e sua condição de falante**

Além da questão da diversidade das línguas e seu papel na teorização de Benveniste, outro elemento de seu trabalho que vislumbramos poder integrar aquilo que, neste artigo, denominamos como *esforço decolonial* diz respeito ao espaço que a condição de falante do linguista toma na reflexão do autor. Embora nossa proposta de abordagem dessa questão seja enxuta em relação à questão anterior, consideramos importante apresentá-la ao leitor, pois ela contém uma afirmação tão evidente que acaba, muitas vezes, por ser desconsiderada: o linguista é falante. O fato de que essa seção seja menos extensa atesta, de algum modo, esse esquecimento de que o linguista é, antes de tudo, falante. Essa é uma reflexão que precisa ser aprofundada mas que, dada sua pertinência — cuja constatação só foi possível a partir de Flores (2015, 2018, 2019) —, deve ser enunciada, mesmo que em um estágio bastante inicial.

Nos textos que apresentamos, Benveniste inclui, em sua reflexão, o fato de o linguista ser um falante que jamais pode lançar um olhar “neutro” às línguas que descreve, uma vez que tais descrições sempre partem do conhecimento linguístico que o linguista já tem de sua(s) língua(s) materna(s). Em

“A frase nominal”, por exemplo, ao criticar a distinção já mencionada entre processo e objeto para caracterizar verbos e nomes, Benveniste afirma:

A distinção entre processo e objeto só se impõe àquele que raciocina a partir das classificações da sua língua nativa, que ele transforma em dados universais; e inclusive esse, interrogado sobre o fundamento dessa distinção, virá logo a reconhecer que, se “cavalo” é um objeto e “correr” um processo, é porque um é um nome, o outro, um verbo. (Benveniste, 2005, p. 164-165).

Ao propor uma reflexão em torno das relações de verbo e de nome para tratar da frase nominal, Benveniste aponta raciocínios para defini-las que considera inaceitáveis para um linguista. Trata-se, portanto, de um erro de condução da análise. O primeiro desses problemas é o que está na citação anterior: o fato de que o linguista reconheça que a distinção entre processo e objeto não surge da observação dos fatos linguísticos, mas, sim, da universalização de dados de línguas específicas — as línguas “nativas” dos linguistas.

Semelhante constatação é encontrada em “Ser e ter em suas funções linguísticas”, no qual o linguista sírio-francês, ao comentar a suposta ausência do verbo *ser* em certas línguas, aponta que o raciocínio em torno do questionamento da ausência de *ser* em determinadas línguas está equivocado, e um dos motivos para tal equívoco se dá porque “as nossas línguas familiares nos iludem quanto a isso” (Benveniste, 2005, p. 206). Dito de outro modo, Benveniste faz, ao mesmo tempo, uma espécie de constatação e de advertência para o fato de que o conhecimento que os linguistas têm de suas “línguas familiares” enviesa seu olhar para fenômenos linguísticos de outras línguas.

Dessas duas observações feitas por Benveniste a respeito da relação do linguista com as línguas e com sua língua, apontamos duas constatações que consideramos cruciais: uma vez que todo linguista é, antes de tudo, falante, é preciso ter em mente que o ponto de ancoragem do linguista é, de modo geral, sua primeira língua; dessa constatação, decorre a segunda: é preciso estar constantemente vigilante para não cometer o equívoco de universalizar a todas as línguas características que dizem respeito somente a sua(s) língua(s) familiar(es). É preciso desconfiar da possível ilusão causada por nossas “línguas familiares” e “línguas nativas” para não promover nenhuma espécie de generalização apressada em torno das características das línguas. Poderíamos citar uma série de outros textos nos quais Benveniste faz observações relacionadas a essa questão<sup>7</sup>, mas consideramos que esses dois exemplos ilustram satisfatoriamente o ponto que queremos demonstrar.

Evidentemente, tal postura de Benveniste em torno da relação do linguista com as línguas permitiria uma série de leituras: propomos, aqui, que seja possível interpretá-la, no tempo presente, como um *esforço decolonial*, uma vez que um dos pilares da decolonialidade consiste em não separar o sujeito do objeto (Mignolo, 2017), rompendo com a *epistemologia do ponto zero*, segundo a qual

<sup>7</sup> Cf., por exemplo, Autor (ano) para uma análise de “Categorias de pensamento, categorias de língua”, em que Benveniste, em dado momento de sua reflexão, aponta para a complexidade de procurar equivalentes na língua *ewe* para o verbo *ser* em grego, uma vez que se trata de uma comparação feita a partir do ponto de vista do grego e não feita no interior da língua *ewe*.

seria possível isolar o que une, por exemplo, o pesquisador a seu objeto de estudo, gerando um conhecimento “neutro” (Mignolo, 2021). No caso da linguística, essa impossibilidade de dissociar por completo sujeito de objeto acentua-se ainda mais, uma vez que o linguista é, também, falante e usa a língua para falar da língua. Disso resulta que o linguista ocupa um *locus* paradoxal: ao mesmo tempo em que é o sujeito conhecedor de um objeto de investigação que também o constitui (a língua), esse objeto de estudo é também o meio que se emprega para fazer o estudo. Dito de outro modo, é vedada, ao linguista, a possibilidade de pensar “fora” de sua língua para descrever, analisar e teorizar sobre a própria língua e também sobre as outras línguas.

Esse *locus* único ocupado pelo linguista em relação ao seu fazer já havia sido apontado pela proposição da antropologia da enunciação de Flores (2019, p. 33). Nela, o linguista propõe a expressão “a língua no homem” — uma inversão de “o homem na língua”, de Benveniste —, pois entende que ela condensa a compreensão de que “os grandes fenômenos da linguagem [...] quando vistos a partir da consideração da experiência que o falante tem desses fenômenos, atestam o modo como a língua está presente constitutivamente no homem” (Flores, 2019, p. 33). Flores continua e afirma:

De certa forma, considero que o falante é uma espécie de etnógrafo (FLORES, 2015) de sua própria experiência de falante, uma vez que ele, constantemente, tematiza a sua posição frente ao fato de a língua ser-lhe constitutiva. Aceitando-se a ideia de que o falante é um etnógrafo, seria possível dizer que o linguista, como falante que é, acumularia também a função de etnólogo, daquele que faz a apreciação analítica dessa “etnografia natural” (Flores, 2019, p. 33)

Apresentamos a antropologia da enunciação de Flores não para propor uma classificação de sua abordagem sob a lente da decolonialidade, mas, sim, para apontar para o fato de que tanto Benveniste quanto Flores, cada um a seu modo, oferecem a seus leitores (linguistas ou não) caminhos possíveis de tratamento da linguagem que coloca no centro da reflexão as línguas, o falante e, para espanto de muitos campos, também o linguista — por muitas vezes e por muitos campos apartado de seu próprio fazer, como se fosse possível, ao exercer sua função de linguista, deixar de ser falante, por um momento sequer. Ao incluir o linguista no rol dos falantes (seria possível não ser sempre-já falante?), ambos os autores convocam, em suas construções teóricas, outros campos disciplinares necessários à compreensão do humano e da linguagem: antropologia, psicanálise, filosofia, literatura etc.

## Considerações finais

Neste trabalho, deixamo-nos interpelar pela produtividade da reflexão benvenistiana para as questões suscitadas pelos estudos decoloniais, interessando-nos por outras considerações de Benveniste que pudessem ser lidas como *esforços decoloniais* (Andreotti *et al.*, 2015). Para além do conceito utilizado por Mignolo (2021) — o aparelho formal da enunciação — para construir parte de suas críticas e proposições sobre a produção do conhecimento, procuramos apontar que o destaque dado por

Benveniste à diversidade das línguas na distinção de universais e particulares linguísticos, bem como o reconhecimento da condição de falante do linguista, poderiam ser lidos como *esforços decoloniais*. É o que se verifica, por exemplo, na leitura dos artigos “A frase nominal” (1950) e “Ser e ter em suas funções linguísticas” (1960), principais textos dos quais nos ocupamos para desenvolver nossa argumentação.

É importante ressaltar que percebemos, na obra de Benveniste, posturas que, no tempo atual, poderiam ser lidas pela ótica da decolonialidade não apenas pelo fato de que o linguista desenvolvia estudos sobre diversas línguas. A questão de ligá-lo ao pensamento decolonial não está somente no número de línguas pesquisadas (dado importante, mas que, por si só, diz muito pouco a respeito do construto teórico benvenistiano), mas naquilo que o linguista faz com o que observa a partir de sua pesquisa — no caso de Benveniste, trata-se, principalmente, da problematização, do questionamento da validade de proposições tidas como universais em matéria de língua, muitas das quais só podem ser particulares à língua “familiar”, “nativa” do linguista. É sua conhecida argumentação construída por problemas que o diferencia dos demais linguistas que também se dedicavam a pesquisar inúmeras línguas e que lhe confere um lugar singular entre os linguistas, além de também operar uma abertura da linguística a outras áreas.

Esse “lugar”, apontado por Benveniste, do qual não se pode sair - nossas línguas maternas — e que nos gera “problemas” na tentativa de universalização de fatos com base em nossa experiência de falantes — nos leva ao encaminhamento feito a partir de Flores (2015, 2018, 2019), de que o linguista ocupa um lugar paradoxal de ser, ao mesmo tempo, etnólogo (pois analisa a etnografia feita pelo falante) e etnógrafo de sua própria língua (pois todo falante, ao falar do fato de que fala, o é). Além do estudo inicial sobre o fato de que o linguista é falante, o encontro com o professor Valdir do Nascimento Flores foi o que nos possibilitou buscar, em exteriores teóricos, elementos para ampliar o debate em torno da linguagem. Entre tantos ensinamentos, aprendemos, com Valdir, que “a crescente especialização da linguística pode obscurecer o fato de que a linguagem, como propriedade humana que é, não se conforma integralmente a nenhuma disciplina” (Flores, 2019, p. 35), motivo pelo qual consideramos relevante estabelecer aproximações entre Benveniste e a atual leitura dos estudos decoloniais. Em síntese, só lemos Benveniste do modo como o lemos e só nos aventuramos a estabelecer novas relações com outros campos porque o professor Valdir nos mostrou e segue nos mostrando que isso não só é possível, como necessário e enriquecedor para todos os campos. Esperamos que nossa proposta de leitura de aspectos da obra de Benveniste sob a lente da decolonialidade enseje uma abertura de diálogo — tanto entre nossos pares da linguística quanto nossos colegas de outros campos, com quem compartilhamos a matéria da linguística: a linguagem e o homem.

## Referências

ANDREOTTI, Vanessa de Oliveira; STEIN, Sharon; AHENAKEW, Dinheiro; DALLAS, Caça. Mapping interpretations of decolonization in the context of higher education. **Decolonization: Indigeneity, Education & Society**. v. 4, n. 1, p. 21-40, 2015. Disponível em: <https://jps.library.utoronto.ca/index.php/des/article/view/22168>. Acesso em: 27 jul. 2023.

BARBOZA, Gabriela; NICOLINI, Alessandra; FREISLEBEN, Larissa Colombo. Entre as línguas e o fazer linguístico: aproximações iniciais entre Benveniste e os estudos decoloniais. **Organon**. v. 38, n. 75, p. 1-21, jan./jul. 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/131392/89260>. Acesso em: 20 nov. 2023.

BARTHES, Roland. Por que gosto de Benveniste. In: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: WMF Martins Fontes, p. 207-213, 2012.

BENVENISTE, Émile. Tendências recentes em linguística geral. In.: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes Editores, p. 3-18, 2005.

BENVENISTE, Émile. A frase nominal. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes Editores, p. 163-182, 2005.

BENVENISTE, Émile. Ser e ter em suas funções linguísticas. In.: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes Editores, p. 205-227, 2005.

DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste, l'invention du discours**. Paris: Éditions In Press, 2006.

FLORES, Valdir do Nascimento. O falante como etnógrafo da própria língua: Uma antropologia da enunciação. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 50, p. 90-95, 2015. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2015.s.23143>

FLORES, Valdir do Nascimento. **Working Papers em Linguística**. Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 35-53, 2018. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2018v19n2p35/38537>. Acesso em: 01 jul. 2023.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis: Vozes, 2019.

HOFF, Sara Luiza. **“Mas guardemos isso: não há língua má”: as línguas na teoria da linguagem de Benveniste**. 286 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2023. No prelo.

LAPLANTINE, Chloé. Emile Benveniste et les langues amérindiennes. **History and Philosophy of the Language Sciences**, 2013. Disponível em: <https://hiphilangsci.net/2013/10/02/emile-benveniste-et-les-langues-amerindiennes-4>. Acesso em: 29 nov. 2022.

LAPLANTINE, Chloé. Benveniste en Amérique. In: BERNADET, Arnaud; KACHLER, Olivier; LAPLANTINE, Chloé. **L'Utopie de l'art, Mélanges offerts à Gérard Dessons**. Editions Garnier, p. 61-70, 2020.

LAPLANTINE, Chloé. Emile Benveniste, de la grammaire comparée à la poétique, en passant par le Canada et l'Alaska : une pensée par problèmes. AMEDEGNATO, Ozouf Sénamin. **Émile Benveniste, la croisée des disciplines**. Paris: Lambert-Lucas, p. 13-30, 2022.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

MIGNOLO, Walter. **De la hermenéutica y la semiosis colonial al pensar decolonial**. Quito: Editorial Universitaria Abya-Yala, p. 81-97, 2013.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Revista Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica, pensamento independente e liberdade decolonial. **Revista X**, v. 16, n. 1, p. 24-53, 2021. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/78142/43060>. Acesso em: 29 mar. 2023.

MIGNOLO, Walter. **Looking for the Meaning of 'Decolonial Gesture'**. [s.d.]. Disponível em: <https://abre.ai/f0Vvk>. Acesso em: 25 jul. 2023.

NORMAND, Claudine. **Allegro ma non troppo: invitation à la linguistique**. Paris: Ophrys, 2006.

NORMAND, Claudine. Leituras de Émile Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário balizado. **Letras de hoje**, Porto Alegre, PUCRS, v. 44, p. 12-19, jan./mar. 2009.

NORMAND, Claudine. Saussure: uma epistemologia da Linguística. In: SILVEIRA, E. M. (org.). **As bordas da linguagem**. Uberlândia: EDUFU, p. 11-30, 2011.

NORMAND, Claudine. Saussure-Benveniste. In: NORMAND, Claudine. **Convite à linguística**. São Paulo: Contexto, p. 197-204, 2015.

RESTREPO, Eduardo. Descentrando a Europa: contribuições da teoria pós-colonial e do giro decolonial ao conhecimento situado. **Revista X**, v. 16, n. 1, p. 159-174, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rvx.v16i1.78403>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/78403>. Acesso em: 27 jul. 2023.

UNESCO. **Atlas of world's languages in danger**. Paris: UNESCO, 2010. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000187026>. Acesso em: 13 jul. 2023.